

O Sindicalismo e os Caixeiros

Lanço mão da minha humilde pena para apreciar, combatendo, a forma cretina, aleivosa e impudica como os sinatários dum opúsculo intitulado *Sindicalistas e classistas* (?), pretendem insinuar que a classe dos caixeiros é incompatível com o sindicalismo. Tal afirmação denota um desconhecimento crasso do que é aquelle meio de luta operária, dadas as definições que apresentam d'elle e as concocções que tem acerca da vida profissional do caixeiro.

O Sindicalismo, segundo o que tenho estudado, é aquella organização proletária, preconizada outrora pela Internacional, agrupando os trabalhadores em sociedades de officio, e desenvolvendo-se com um caracter de luta de classes no terreno económico. Isto é, o proletariado autónomo, independente de qualquer partido politico, agindo directamente contra a burguesia proprietária, capitalista e politica, conquistando melhorias immediatas e propondo-se ou tendendo a emancipar-se economicamente da exploração capitalista.

E', portanto, no sindicato—núcleo de resistencia e defesa proletária, compreendendo a federação regional ou nacional dum corpo de officio, assim como a união local, e a confederação nacional dos diferentes corpos de officio, federados, por sua vez, internacionalmente,—que assenta a organização proletária chamada sindicalismo, a qual é uma consequencia do sistema do salariado, e que os trabalhadores foram obrigados, pela força das circunstancias da sociedade capitalista, a adoptar para defesa dos seus interesses economicos, materiais.

Ora, nesta organização estão implicitamente compreendidas todas as classes trabalhadoras, que sejam operários ou caixeiros. Porque, para isso bastam as suas condições de assalariados e, consequentemente, explorados e oprimidos pelos detentores dos instrumentos de trabalho e das riquezas publicas—alugando os seus braços, sujeitos a lei da oferta e da procura, afim de não succumbirem... momentaneamente á fome!

Visto que os caixeiros estão sob a mesma exploração e opressão capitalistas e, consequentemente, tem melhorias immediatas a conquistar, porque então, se não poderão organizar sindicalmente?

Porque os caixeiros vendem explorando em beneficio seus e de terceiros—objeto, estultamente, os auctores do opúsculo em questão.

Mas essa objecção é ilógica, aleivosa, porque, oh! espiritos obtusos, tambem os operários produzem em beneficio seus e de terceiros; produzem artigos que os patrões vendem aos intermediarios, os comerciantes, dos quais auferem os respectivos lucros, e que tambem compartilham os ope-

rários porquanto recebem uma remuneração, embora insufficiente, dos servicos prestados aquelles.

Porventura, tambem, estarão inibidos de se organizar sindicalmente? Não estão, nem tão pouco os caixeiros, porque tanto para uns como para outros, existem as mesmas condições, as mesmas situações perante os patrões. Então, finalmente, em que é ainda o sindicalismo incompatível com a profissão de caixeiro?

Tem ainda a palavra os estultos auctores do supracitado opúsculo: por, a própria aspiração do caixeiro, ser patrão, o define e caracteriza; finalmente por ser irremediavelmente á classe dos caixeiros darem ao proletariado em geral uma solidariedade, segundo a organização sindical.

Tanto estas objecções como as precedentes, são o quanto ha de mais ilógicas e aleivosas; a primeira pretende ter foros de um principio aceito *a priori* pela classe dos caixeiros; e a segunda denota a mesma errônea concocção que tem da profissão de caixeiro.

Mas admitindo mesmo que seja aceite, pela classe dos caixeiros, aquelle principio e que por consequencia não poderiam dar ao proletariado uma solidariedade segundo a organização sindical—isso não quer dizer que a classe seja incompatível com o sindicalismo!

Denota, apenas, uma falta de educação social, determinada pela errônea concocção dos primeiros orientadores da classe, já ha anos, os quais ela já vai banindo, mercê de alguns seus componentes que a querem ver seguir a evolução social.

E para que, duma vez para sempre, cesse n todas as errôneas concocções, todas as anomalias, é, justamente, na organização sindical que está o seu exterminio, porque lhe criará um espirito autónomo, livre e solidário, para com todo o proletariado. E não colocando os caixeiros como uma classe média entre os burgueses e os operários, e delineando-lhe um meio de organização especialissimo a que dão o nome de principios classistas (?) e que chamam a sua accção directiva!!!

Vejam os que consistem: «A extinção do noviciado commercial, instituindo as associações únicas capazes de habilitar e fazer caixeiros, abrindo bolsas de trabalho e fazendo nos campos a propaganda contra a emigração das populações agricolas para os centros de exploração commercial; impoendo os contractos de trabalho, tornando o caixeiro pura e simplesmente um assalariado e resgatando-o da vida inferna, tornando-o um trabalhador livre e redimido, emfim.»

Mas tal objectivo pode ser efectivado, com a organização sindical, com a solidariedade mútua entre caixeiros e operários, emfim, com a classe dos caixeiros integrada definitivamente nos principios sindicalistas revolucionários. E persistirem no contrario, esses inovadores de novos meios de or-

ganização proletaria e perscrutadores duma nova classe existente na actual sociedade,—é dar uma prova clara e patente de mediocres mentalidades, aliadas a ridiculas obsessões e que são verdadeiramente paradoxais!

Portanto, conclue-se duma forma perentoria, que a classe dos caixeiros, não é incompatível com o sindicalismo; porém, o que se constata, da parte dela, é uma falta de conhecimentos daquelle tão util meio de luta operária. O que dá origem, a ser, muitas vezes, ludibriada por quaisquer charlatões, tanto do seu seio como da burguesia; e para que mais uma vez, ela não fosse ludibriada—por individuos do seu seio, talvez, influenciados por elementos politicos—vim á liza expôr o meu criterio sobre o celeberrimo opúsculo *Sindicalistas e classistas*.

Espero, pois, que estas considerações vão destruir no espirito da minha classe—os caixeiros—quaisquer mal entendidos ou falsas interpretações sobre o sindicalismo ser incompatível com a sua profissão.

J. P. MAGALHÃES JUNIOR

AMIGOS E CAMARADAS

Na Alemanha há canções patrióticas e guerreiras, imbecis e ferozes como todas. Um autor de manual escolar francês traduziu quatro das mais idiotas para educação dos pequenos gauleses. Hervé, por sua vez, reproduziu-as no seu livro *Leur Patrie*, para mostrar que tambem do outro lado do Reno havia dessa especie de poesia selvagem e ainda para mostrar o intuito educativo do autor do manual escolar francês.

Vai daí, o *Germinal* transcreve frases das duas ultimas, annunciando-as assim: «No seu livro *A Patria deles*, o bem conhecido Hervé insere umas quatro amostras de canções patrióticas alemãs, reunidas num manual escolar». E no fim da transcriçáo: «Que cérebro infantil, exclama com razão o redactor da *Guerre Sociale*, seria capaz de resistir a uma tal suggestáo, a estas excitações perigosas! E nós exclamamos por nossa vez: —que procedimento havia a esperar de quem recebeu semelhante educação, senáo esse de que nos tem vindo os ecos!»

Que se entende logo! Que o manual escolar é alemáo, alemáo o «cérebro infantil», de atrocidades alemãs os referidos «ecos».

Fizemos por isso notar que, por inadvertência e um pouco de paixão, o *Germinal* não lera que o tal manual escolar é francês e franceses os cérebros por elle educados no odio ao estrangeiro, e que portanto o exemplo provava demais...

Para o *Germinal*, a saída mais airosa era a simples rectificação. Pois, com grande surpresa, lemos no n.º 3 daquele jornal, esta resposta absolutamente inesperada: Uma das coisas com que, elles implicaram, foi a zargunchada que tivemos o atre-

vimento de dar naquela sábia casta germânica—láo sábia, como boa—que declarou ter por agente o militarismo prussiano. Para a *Aurora*, a «skultur» é um sol, sem mostrar, diante do qual todos nós devemos prostrar-nos em adoração, não sabemos se por força do método anarquista, que ela tanto se empenha por manter íntegro Adiante.

Não tendo nós dito que as canções cuja amostra demos, se encontravam em manual alemáo, á *Aurora*, pois que a coisa lhe doera, apenas cabia demonstrar que nem aquelas canções, nem outras com letra igual ou semelhante ou com o mesmo ou idéntico espirito, foram alguma dia ensinadas ou fundidas na Alemanha. Porque não o fez? E' claro que a nós se nos affigura impossível fazê-lo, porque a Alemanha é aquele país onde, há muito e sem refofos, se recomenda aos soldados que tem o dever de disparar mesmo sobre seus pais e seus irmãos,—porque lá diz Hervé: «Seria oculo coleccionar as canções patrióticas que as crianças inglesas, alemãs, e italianas aprendem na escola, na rua ou em casa; no entanto aqui vão algumas amostras de canções patrióticas alemãs que...»—porque a própria *Aurora* se exprime desta arte: «reunidas aquelas canções alemãs, traduzindo-as». Affigura-se-nos a nós impossivel a demonstração. Mas o mesmo não se dá, por certo, com quem, como a *Aurora*, mostra mais simpatias pelos intellectuais da burguesia alemã, do que pelos seus camaradas franceses. Faça-o então, que tudo o mais e farelório.

Quando tanto cuidado temos para que não sejam mais nadas as nossas intenções e deturpadas as nossas ideas, num ambiente saturado de suspeições e acusações idiotas, «amigos e camaradas» por pouco nos não chamam defensores do militarismo prussiano e agentes do Kaiser! Verdade seja que são capazes de afirmar que nem germanófilos nos chamaram, pois que não escreveram a palavra, assim como não tinham escrito o adjectivo alemáo depois de *manual escolar*!

Se assim nos lêem e tratam «amigos e camaradas», que havemos nós de responder aos adversários, se nos disserem o mesmo?

Quando é que adorámos a Kultur? Quando é que negámos haver na Alemanha canções de guerra? Porventura não reconhecemos o *Germinal* que não negamos tal? E era possivel negá-lo ante o proprio texto das canções reproduzidas? Não é evidente que não quisemos defender a Alemanha official, mas mostrar que o mal é geral e que o exemplo não provava só o que o *Germinal* queria? Onde é que mostrámos mais simpatias pelos intellectuais da burguesia alemã do que pelos nossos camaradas franceses? Que faz, a *Aurora* desde o principio da guerra senáo mostrar o que valem os intellectuais alemães e a social-democracia? E' então a guerra travada nas trincheiras entre os camaradas franceses e os intellectuais germânicos, ou é entre d'as coligações de Estados, infelizmente todos servidos por proletários, com ou sem vontade?

Os camaradas franceses! Com grande numero deles estamos em relações directas e em estreita comunidade de ideas nesta emergência—e mesmo aos que julgamos terem perdido a cabeça e errado apertamentos comovidamente a mão quando voltarem ao bom combate. Mas não se trata deles; eles não são o Estado, nenhum Estado, e é pelos Estados que só não sentimos simpatias.

Coisas historicas

25-1802—O conselho de guerra do Jerez de la Frontera (Espanha) condena á morte os anarquistas Lamela, Zarzuela, Busigu e Lebrijano.

26-1886—Os mineiros de De-caveville (França), sublevam-se e matam Watrin, que infamemente os explorava e oprimia.

27-1906—E' condemnado a 3 meses de prisão, em França, o camarada Dooghe por fazer propaganda anti-militarista.

28-1913—Em Pultloff (Rússia) declaram-se em greve 12 mil metalúrgicos.

29-1935—Publica-se em França um édito, pelo qual são condenados todos os individuos que derem guarda aos protestantes, ás mesmas penas que estes sofrerem...

30-1903—Acusados de fazerem propaganda revolucionária, Mestag, Hardy e Lampy são condenados pelos tribunais de Bruxelas a vários meses de prisão.

31-1870—Sal, em Madrid, o primeiro numero de *A Solidariedade*, semanário anarquista.

Errata—No numero passado, onde está: Sai em Genebra o primeiro dum semanário, lê-se: sai em Genebra o primeiro numero dum semanário. E a seguir: até ao fim desse ano defendeu-se a idea, etc, lê-se: Até ao fim desse ano defendeu a idea, etc.

Contra a carestia da vida

O Núcleo juvenil de Libertária, de Lisboa, iniciou, com uma grande reunião publica, na penúltima quinta-feira, uma campanha de protesto contra a carestia da vida. Usaram da palavra os camaradas Carlos Anhão, Manuel de Abreu, Manuel Fontes, Alexandre Assis, Júlio da Cruz, Alvaro Monteiro, B. dos Santos, Carlos Campos e Fernando Gomes, os quais combateram energeticamente as desmedidas ambições dos comerciantes e dos potentados, e aconselharam o proletariado a resistir contra este estado de coisas. A sala estava repleta e os oradores foram muito applaudidos.

Na ultima sexta-feira devia ter-se realizado outra sessão na sede da Federação da Construção civil.

As associações de classe da Povoá do Varzim e Vila do Conde vão iniciar um movimento de protesto contra a ganancia dos commerciantes e contra a usura dos senhoriais. O inicio deste movimento já tarda, pois os sanguessugas do povo, outra coisa não fazem senáo roubar-lo e ludibriar-lo, ao que é preciso pôr um còbro. Que a comissão para tal fim nomeada consiga o que tem em vista, tais são os nossos mais ardentes votos.

Confereñcia

Na sede da U. A. C. da R. do S., Travessa Agua de Flor 55-1.º, realiza o camarada D. Murtinhez uma conferencia no dia 1.º de fevereiro ás 20 horas. Tema: *Sindicalismo e Anarquismo*.

Folhetim de «A AURORA» (2)

GEO PISTRE

O ANSINHO

O ímpeto do Bêlugou não foi quebrado. Vendo-se abandonado, transformou a fuga em debandada.

Aquilo parecia-lhe que toda a Grã-Bretanha lhe vinha no encalço. Nanea na sua vida tinha dado á gâmbia com tanto ardor.

Ainda não havia percorrido cem metros, quando, ao volver-se, distinguia o vulto do inglês que o continuava a seguir, com pernaes de gigante. Estava quase a alcançá-lo: bastava-lhe estender a mão para fazer um prisioneiro.

Quando Celestino Bêlugou levantava os braços acima da cabeça para afirmar as suas intenções pacíficas, recebeu entre as espaldas uma valente coronhada que o atirou de cambalhas para cima da relva.

Hendo-me! berrou e com toda a força dos seus pulmões. Depois sorrou, de cara para o chão, mais morto do que vivo.

Como o inglês não tomava uma decisão rápida sobre a sua sorte, o Bêlugouolveu a cabeça, arriscou um olhar inquieto e soltou um

brado de assombro ao reconhecer um semblante amigo, o de Pierril, o caçador furtivo. Importando-se pouco dos ingleses que entravam-se este, durante aquelas horas matinaes, ao seu passatempo favorito, enquanto toda a aldeia estava em pé de guerra.

Examinava a pobre coisa que era o sapateiro e ria se silenciosamente. Então, decidiu-se a falar.

—Enganei-me e a valer, sim, senhor! Sabes que estás com sorte, ó Celestino? Tinha-te confundido com o Jeannet, que todas as noites me surripia as armadilhas. Estás com sorte.

—E eu que te tomava por um inglês! disse o Bêlugou, levantando-se.

—Inglezes? Há tantos aí pela costa como cabelos numa casca de évol! motejou o Pierril.

O dia, que em junho se faz tam rapidamente, iluminava agora o quadro com a sua luz saltante. E o Celestino, coçando as costas, verificou com surpresa que a pretensa linha de atradores inimigos não passava duma sebe de tamaragueiras, que se baloiçava pacificamente ao sópro do alto mar e que o palmar duma péga enchia de ruído.

Corava de vergonha.

Com um risinho encapotado, o Pierril disse-lhe:

—Ainda assim, sempre foste levando uma valente pancada do ansinho! Dêste cabo dele. Olha como éle ficou!

—Uma pancada do... gemeu o sapateiro.

Lembrou-se então de que, no momento em que se rendera, pusera o pé sobre um objecto de madeira, decerto os dentes do ansinho, do ansinho artèiramente dissimulado no prado, e bumbal em virtude do impulso dado, viera o cabo aplicar-se-lhe entre as espaldas com a força que vós sabeis.

—Pra ali se ficava, boquiaberto, desgraçado.

—Ouvê cá, Pierril: que dirão agora os outros, o administrador, a Vitória? Vou ser o alvo da troça da aldeia, a garotada não me largará e a mulher bate-me pela cortá.

—Isso com certeza, opinou Pierril.

Mas, vendo-o tam miserô, sentiu dó.

—Escuta lá, ó Bêlugou. Sou eu a única testemunha da história. Posso salvar-te. Pregaste com os ingleses no mar, tu sózinho. Vi tudo e tudo contarei. Está dito?

Celestino teve a fraqueza de dizer que sim.

Castelo-Velho em peso estava ás portas da povoação: o administrador cingira a faixa tricolor e passava pelo meio das ruas, aconsej-

lhando sossêgo aos habitantes. No campanário fuzilava uma bandeira branca. A imitação de Bêlugou, a aldeia, considerando inútil qualquer resistencia, rendia-se. Tinham produzido effeito as parolices de Zidoret e seus soldados. Por isso, qual não foi a estupefacção geral quando se viu aparecer Pierril, amparado o Bêlugou, pálido e descomposto. Foram rodeados e interrogados, sublinhando Pierril com gestos afirmativos a narrativa feita pelo Celestino da sua batalha com os ingleses.

—Mas a tua espingarda, a tua espingarda, a tua espingarda? perguntavam.

—Apanharam-na, os malandros! E vai eu defendi-me como pude, com os pés, com os dentes, e depois preguei com eles todos no mar á bordoada, com o ansinho. Por sinal que pertence ao Catécou. Tu não te zangas comigo por isso, ó Catécou? Olha que eu parti-o.

—Ora agora, pois então eu havia de me zangar contigo por isso? Já se vê que não me zango. Celestino disse o Catécou, todo satisfeito por ver a sua pessoa envolvida pelas circunstancias naquelle heróico feito de armas.

—E acabou-se! rematou o Celestino já láta de conclusão, com uma simplicidade de herói antigo.

Foi um delírio. Levaram-no em triunfo, meio desmaiado, até á sua loja, onde a Vitória, lacrimosa, o recebeu nos braços. O administrador quis dirigir-lhe um discurso, mas as palavras perderam-se no meio das aclamações. E como Castelo-Baixo possuía um monumento erigido a uma vaga heroína qualquer, Castelo-Velho quis levantar uma estátua de mármore ao seu salvador. Celestino Bêlugou, immortalizado em vida, era representado de pé, com um braço apontado para o mar e o outro brandindo um ansinho, e no pedestal em letras de ouro gravou-se: *Ao heróico defensor de Castelo-Velho, os seus contemporâneos reconhecidos*.

A coisa fez barulho, como havia de calcular. A história dos ingleses e do ansinho encontrou incrédulos, e os de Castelo-Baixo, enraivecidos particularmente por causa da estátua, de tal modo escarneceram os de Castelo-Velho, que o desgraçado sapateiro, que ganhara go-to á glória, tornou-se taciturno por aquele motivo. Concerberam-se dúvidas em Castelo-Velho, e uma bala manhá foram dan com o Celestino enforcado na sua effigie.

Pierril, que decerto vendera o seu silencio, tinha dado á fugua, FIM